



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11986 - Resumo Expandido - Trabalho - 15a Reunião da ANPEd – Sudeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

COMO É SER CRIANÇA DENTRO E FORA DE UM QUILOMBO: CONTINUIDADE E/OU DESCONTINUIDADE DA CULTURA DE UMA ESCOLA QUILOMBOLA?

Heloisa Ivone da Silva de Carvalho - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

**COMO É SER CRIANÇA DENTRO E FORA DE UM QUILOMBO:
CONTINUIDADE E/OU DESCONTINUIDADE DA CULTURA DE UMA ESCOLA
QUILOMBOLA?**

Este trabalho é fruto da pesquisa de campo etnográfica realizada no meu mestrado no Programa de Pós Graduação na Universidade Federal do Espírito Santo no ano 2014 e dos estudos voltados às práticas corporais e às culturas das comunidades quilombolas em conexão com as histórias de minha vida como mulher preta, neta de quilombolas ao longo de toda a minha vida, objetiva problematizar a importância da continuidade da cultura quilombola para as crianças na Escola, no contexto de uma Comunidade Quilombola, considerando a existência de uma relação entre essa comunidade e a disciplina de Educação Física na apropriação de cultura.

. Nesse sentido, esta pesquisa dirige suas ações para uma experiência de investigação nas comunidades quilombolas de Monte Alegre, no município de Cachoeiro de Itapemirim/ES, identificada como o primeiro território quilombola da região sul do Estado do Espírito Santo, com 1.095,74 hectares. Em Monte Alegre existe apenas uma Instituição de Ensino, reconhecida como “Escola de Educação Básica de Monte Alegre”.

Pensar em comunidade quilombola implica perceber a dinâmica de identidade vivida por seus moradores, marcada pela ancestralidade negra, na autoidentificação como quilombola. Nesse contexto, estabelecem significativas relações culturais com seus ancestrais, demonstrando cooperação entre si, contribuindo para o processo de continuidade/descontinuidade das culturas e das tradições que permeiam as relações na comunidade de Monte Alegre. Essas discussões são possíveis, pois o diálogo com O’Dwyer (1995) e Andrade (2009) me permite ir além do conceito de ser quilombola, propondo um novo olhar, aquele construído para

entender o processo de identidade e resistência desse grupo étnico-racial. De acordo com Andrade (2009), com o avanço das lutas por reconhecimento, esses grupos passaram a se autodenominar como quilombolas e não como remanescentes das comunidades dos quilombos, visando não reforçar o caráter de restos de uma situação anterior, enfatizando sua existência no presente.

A Educação Quilombola foi consolidada como uma modalidade da Educação, conforme estabelece a LDB (1996). Nesse contexto, é importante entender a oferta dessa modalidade nas escolas, pois conforme problematiza Almeida (2007), para que a escola consiga cumprir seu importante papel, que é trabalhar a história e cultura afro-brasileira, sendo, portanto, um espaço apropriado para a construção do conhecimento, deverá considerar a sabedoria dos ancestrais dos educandos relacionando os conteúdos curriculares. É importante questionar: Será que o currículo, os livros didáticos e o projeto político pedagógico estão em conformidade com a realidade e necessidade dos quilombolas? será que a escola quilombola tem atuado com mecanismos de acesso à história e cultura dos quilombos? O que é ser crianças dentro e fora de um quilombo?

Como metodologia, faço a opção em dialogar com Minayo (1996), Bardin (2002) e Gil (1991), na tentativa de realizar uma pesquisa aplicada, qualitativa, explicativa e participante, por acreditar que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo insociável entre o mundo objetivo e a subjetividade. Utilizo também a pesquisa documental, com o objetivo de analisar os significados das práticas corporais presentes no PPP e no Plano de Curso da disciplina de Educação Física da escola pesquisada. Para elencar as fases fundamentais para a análise dos dados, a minha opção é a análise de conteúdo que tem como referencial Bardin (2002), pois trabalho com a descrição do material. Assim como propõe Bardin (2002), realizei as seguintes etapas: pré análise, que efetivado no momento da exploração do material; codificação, na qual realizei o desdobramento do conteúdo, analisando as categorias encontradas. Já a última etapa foi o tratamento dos resultados e a interpretação de registros, onde foram realizados os reagrupamentos por semelhanças e por diferenciação, o que contribuiu para a constituição das análises reflexivas dos conteúdos recolhidos.

Nos momentos vividos junto à comunidade quilombola de Monte Alegre tive a oportunidade de identificar diálogos com a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental e a pesquisa de campo, que foram três momentos intrínsecos de minha pesquisa. Nesse contexto, procurei descrever as produções metodológicas por meio da análise de conteúdo dialogada com Bardin (2002), assim como as suas implicações durante as pesquisas e a coleta de dados. Foram trilhados os seguintes caminhos metodológicos: Pré- Análise: Leitura flutuante: escolha dos documentos, formulação das hipóteses e dos objetivos e referência dos índices; a exploração do Material: administração das técnicas no corpus; e o Tratamento dos resultados e Interpretações. Os dados coletados frente à realidade educacional quilombolas em Monte Alegre me permitem dizer que a educação quilombola é um importante instrumento para as crianças reafirmar sua identidade quilombola, como forma de manutenção de sua história e

cultura específica nas relações estabelecidas entre familiares e vizinhos. Nesse sentido, os dados obtidos nas análises dos documentos e das entrevistas com os alunos do 5º ano sobre como é ser criança dentro do quilombo/e fora (diferenças e semelhanças) contribuem para a reflexão que as crianças de Monte Alegre se autorreconhecem como quilombolas, estabelecem significativas relações culturais com seus ancestrais, demonstrando cooperação entre si, contribuindo para o processo de continuidade das culturas e das tradições que permeiam as relações na comunidade de Monte Alegre. A educação quilombola possui regulamentações e orientações legais, sendo primordial ressignificar o papel da escola quilombola como um lócus de aprendizagem, onde a continuidade e/ou descontinuidade da cultura afro-brasileira ocorrem como uma constante e necessária tensão, me provocando a refletir o quanto a aprendizagem está contextualizada com e para a vida.

Palavras Chaves: comunidade quilombola; cultura quilombola; práticas corporais; escola quilombola; crianças.

Referências

AGUIAR, Maciel de. **História dos vencidos**. São Mateus-ES: Brasil Cultural, 1995.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Apresentação. In: SHIRAIISHI NETO, Joaquim (Org.). **Direito dos povos e das comunidades tradicionais no Brasil: declarações, convenções internacionais e dispositivos jurídicos definidores de uma política nacional**. Manaus: UEA, 2007. p. 9-17.

ANDRADE, Maristela de Paula. **Novos sujeitos de direitos e seus mediadores – uma reflexão sobre processos de mediação entre quilombolas e aparelhos de Estado**. In. Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia – n. 27, 2º sem. 2009. Niterói: Educação da Universidade Federal Fluminense-UFF, 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2002.

BRASIL, **Lei nº 10639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 9 jan. 2003.

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: MEC, [s.d.].

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas em pesquisa social**. São Paulo, Atlas, 1991.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações**

raciais no Brasil: uma breve discussão. Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade.** 6ª Edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

O'DWYER, Eliane Cantarino (Org.). **Terra de quilombos.** Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Antropologia, 1995.